

Pensamento e ação: caminhos de uma pesquisa em Sociolinguística Educacional em uma escola pública de Ceilândia – DF

Thought and action: ways of a research in Educational Sociolinguistics in a public school in Ceilândia - DF

Susana Menezes Araujo¹
Ormezinda Maria Ribeiro²

Resumo: Este trabalho retrata o recorte de uma pesquisa desenvolvida na área de linguagem, com foco para a variação linguística, realizada no mestrado acadêmico em Linguística na Universidade de Brasília (UnB) e tem como objetivo mostrar os caminhos percorridos durante o processo da pesquisa. Assim, apresentaremos o percurso trilhado no que tange às técnicas adotadas para a geração dos dados, ao convívio com os colaboradores, às inquietações e às dificuldades inerentes a toda e qualquer pesquisa, bem como aos resultados e às impressões adquiridas ao longo da pesquisa. A pesquisa aconteceu em uma escola pública de Ceilândia – DF, em 2019, e teve como colaboradores 35 estudantes do 3º ano do ensino Médio e o professor de Língua Portuguesa da turma pesquisada. Apresenta como eixo teórico norteador a Sociolinguística, sobretudo em sua vertente educacional, fundamentando-se nos trabalhos de Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Travaglia (2008), entre outros. Os resultados revelam que os alunos têm conhecimentos sobre a variação linguística, no entanto, alguns apresentam comportamentos intolerantes com dialetos distintos dos seus. O professor trabalha esporadicamente a temática da variação linguística, mas preocupa-se em transmitir noções de adequabilidade linguística aos discentes. Essa temática é tratada timidamente pelos autores do livro didático utilizado na escola.

Palavras-chave: pesquisa de campo; Sociolinguística; variação linguística; preconceito linguístico.

Abstract: This work represents the depiction of a study developed in the field of language, with focus on linguistic variation, performed at the University of Brasília's (UnB) Master Degree in Linguistics and it aims the paths taken during the research process. Thus, we will present the techniques adopted in the generation of data, the interaction with the collaborators, the concerns and difficulties inherent to any and all research, as well as the results and impressions acquired during the research. This study took place in a public school at Ceilândia - DF, in 2019, and had 35 high school seniors and their Portuguese teacher as collaborators. It presents Sociolinguistics as a guiding theoretical axis, especially in its educational aspect, based on the works of Bagno (2008), Bortoni-Ricardo (2005), Travaglia (2008), among others. The results reveal that students have knowledge about linguistic

¹ Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, DF, Brasil. Endereço eletrônico: susanamenezes.a@gmail.com.

² Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, DF, Brasil. Endereço eletrônico: ayaribeiro@yahoo.com.

variation, however, some have presented intolerant behaviors with different dialects from their own. The teacher worked sporadically on the theme of linguistic variation, but he was only concerned with transmitting notions of linguistic adequacy. This theme is treated timidly by the authors of the textbook used at school.

Keywords: field research; Sociolinguistics; linguistic variation; linguistic prejudice.

Introdução

O Brasil é um país heterogêneo, composto por uma população proveniente de diversas etnias, pertencente a diferentes classes sociais, com níveis de instruções variados, que habita regiões distintas, entre outros. Essa heterogeneidade se reflete no uso da Língua Portuguesa por seus falantes, variando entre grupos sociais, entre regiões, entre pessoas etc. Assim sendo, o ensino da Língua Portuguesa não pode desconsiderar tal heterogeneidade.

Se não houver, por parte da escola, o reconhecimento da diversidade linguística e sua valorização, o ensino da língua corre o risco de não cumprir com seu objetivo de, conforme Travaglia (2008), *desenvolver a competência comunicativa* dos educandos, e ampliá-la por meio da conscientização do que seja a língua e para que ela serve, que papel ela cumpre na interação humana e como acontece essa interação, e de noções de adequação de seu uso em conformidade com as situações comunicativas, e se prender a práticas pedagógicas irrelevantes que não terão nenhuma utilidade prática na vida dos discentes.

Ao chegar à escola, por ser falante nativo da Língua Portuguesa, a criança, o jovem ou o adulto já dominam sua língua materna, levam consigo um conhecimento implícito sobre sua língua, seu uso e suas funções adquiridos no convívio social e são capazes de produzir sentenças bem formadas a partir das regras do sistema linguístico internalizadas nas experiências diárias de interação com os diversos grupos sociais aos quais eles pertencem.

Neste trabalho, além de expormos o referencial teórico que o norteou, detalhamos a metodologia que serviu como norteadora para a geração dos dados, caracterizamos a pesquisa, citamos os métodos utilizados em sua realização, apresentamos os colaboradores e a escola que serviu como campo de pesquisa, bem como os resultados obtidos.

A Sociolinguística e o ensino de Língua Portuguesa

A Sociolinguística é a ciência que estuda a relação entre linguagem e sociedade. Com um fértil terreno, essa subárea da Linguística tem desenvolvido diversas e inovadoras pesquisas, nas várias orientações da área, acerca da língua em uso e das funções que esta exerce em distintos empregos. Surgiu na década de 1960, quando William Bright organizou

um congresso intitulado *Sociolinguistics*, cujo objetivo era divulgar os trabalhos que estavam sendo realizados sobre a utilização da língua, com foco nas variações linguísticas. Salienta-se, assim, que é nessa ciência que o presente estudo se ampara, mais especificamente em sua vertente educacional.

A variação da língua é um assunto que tem sido discutido veementemente pelos sociolinguistas. A vertente da Sociolinguística Educacional tem demonstrado preocupação com a diversidade linguística em sala de aula, sobretudo, em decorrência do preconceito linguístico presente em diversos ambientes. Os estudiosos dessa área defendem um ensino da língua que se volte para o uso consciente da linguagem de modo a oportunizar a todos os estudantes, das classes sociais mais e menos favorecidas, desenvolverem-se de modo satisfatório nas situações sociais que demandem usos diferentes da linguagem.

Os esforços dos sociolinguistas para com a educação têm provocado reflexões necessárias quanto ao ensino e contribuído significativamente para a adoção de novas posturas e para a renovação das práticas pedagógicas. Os conhecimentos sobre os pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional estão, aos poucos, levando resultados positivos para o ensino da língua. Segundo Bagno (2008, p. 10),

[...] no terreno da educação, o reconhecimento da variação linguística em sua estreita correlação com a heterogeneidade social tem redirecionado de modo radical as concepções de língua e de ensino de língua nas diretrizes oficiais e na prática pedagógica em sala de aula.

No que tange ao Ensino Médio, que foi o campo de pesquisa deste estudo, sobre o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, as OCEM contemplam que:

O aprendizado da língua implica a apreensão de práticas de linguagem, modos de usos da língua construídos e somente compreendidos nas interações, o que explica a estreita relação entre os participantes de uma dada interação, os objetivos comunicativos que co-constroem e as escolhas linguísticas a que procedem (OCEM, 2006, p. 30).

A vertente etnográfica de estudos sociolinguísticos pesquisa fenômenos linguísticos no âmbito escolar, visando responder a questões educacionais. Dentro desse ponto de vista, Bortoni-Ricardo (2005) assevera que, em 1987, Frederick Erickson propôs o conceito de *pedagogia culturalmente sensível*, com o objetivo de “[...] criar em sala de aula ambientes de aprendizagem onde se desenvolvam padrões de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas presentes na cultura dos alunos” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128).

Desse modo, a adoção da proposta elaborada por Erickson (1987) auxiliará a prática pedagógica com o intuito de diminuir os problemas de comunicação a partir da consideração da variação/diversidade linguística no processo educacional e, sobretudo, incentivando a valorização dessa diversidade em sala de aula.

Dados da pesquisa

Foram realizadas três etapas de entrevistas semiestruturadas com 35 alunos dos 36 que compõem a turma do 3º ano. Salientamos aqui que 1 (um) aluno não participou da pesquisa porque seus responsáveis se recusaram a assinar o TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) redigido e apresentado pela pesquisadora no dia em que esta se apresentou para os alunos e informou-lhes sobre sua pesquisa. Os termos foram entregues na segunda semana de observação. A primeira etapa de entrevistas constava de 18 perguntas, a segunda etapa, 10 perguntas e a terceira etapa, 8 perguntas. Foram realizadas 105 entrevistas, as quais perfizeram um total de 1.445,65 minutos de gravação que equivalem a 24,09416666 horas, 09min, 41s.

Também foi realizada entrevista semiestruturada composta por 9 perguntas com o professor de Língua Portuguesa do 3º ano. A entrevista durou 44 minutos e 42 segundos. Informamos que os alunos e o professor entrevistados não tiveram acesso prévio às perguntas constantes nas entrevistas que aconteceram em espaços distintos. A maioria delas aconteceu na sala de Informática, uma parte considerável das entrevistas aconteceu na sala do Integral, três entrevistas aconteceram em mesas e bancos de concreto dispostos em frente ao auditório, uma entrevista aconteceu na sala de aula do 3º ano C (sala 20), uma entrevista ocorreu em uma mesa e bancos de concreto dispostos em frente à uma das recepções. A entrevista realizada com o professor ocorreu na sala de Coordenação. Todas elas foram gravadas por meio de um celular da marca Samsung, modelo J6.

Nesse contexto, foi também realizada a análise do livro didático de Língua Portuguesa utilizado pela turma pesquisada, cujo título é *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, volume 3, 1ª edição, escrito por Willian Roberto Cereja, Carolina Assis Dias Vianna e Christiane Damien Codenoto, publicado pela editora Saraiva em 2016.

Tipo de pesquisa

Este trabalho compreende uma pesquisa de abordagem qualitativa e interpretativista, pautada no uso de métodos da Etnografia da comunicação.

Corpus da pesquisa

O *corpus* dessa pesquisa consiste em gravações de entrevistas realizadas com alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio e com o professor de Língua Portuguesa da referida sala de uma escola pública, situada em Ceilândia – DF, bairro P. Norte, bem como em anotações de campo e o livro didático do 3º ano adotado pela escola.

Escolhas metodológicas

Para a realização do trabalho foi feito uso do método etnográfico aplicado à educação utilizando como técnicas: a observação participante, anotações de campo e gravações em áudio de entrevistas semiestruturadas. Para a execução da pesquisa, então:

- a) Procedemos ao conhecimento da escola campo, conversamos com a vice-diretora e com o diretor da escola e pedimos autorização para a realização da pesquisa;
- b) Conversamos com um dos professores de Língua Portuguesa da escola sobre a pesquisa e o convidamos a colaborar com o trabalho;
- c) Selecionamos 1 (uma) turma do terceiro ano. Em seguida, iniciamos a pesquisa na turma selecionada por meio de observação direta e participante para a averiguação de aspectos socioculturais dos estudantes para a obtenção de informações que pudessem nos auxiliar nas interpretações de seus comportamentos linguísticos enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade e cultura;
- d) Realizamos anotações de campo para o registro de fatos que pudessem nos auxiliar na pesquisa;
- e) Fizemos gravações em áudio de entrevistas realizadas com os alunos da sala selecionada e com o professor de Língua Portuguesa para compor o *corpus*. Salientamos que alunos e professor não tiveram acesso prévio às entrevistas a fim de que os dados não fossem comprometidos;
- f) Selecionamos alguns trechos de fala obtidos nas entrevistas para serem analisados. Para a análise desses trechos utilizamos a transcrição grafemática de acordo com as normas do projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro). É importante destacar, aqui, que os participantes da pesquisa tiveram suas identidades mantidas em sigilo em razão da cientificidade da pesquisa e por ser um direito que lhes cabe. Todos eles foram informados sobre a pesquisa e seu objetivo. Visto que aceitaram participar e contribuir com a pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso dos menores de idade, foram os responsáveis legais que assinaram o TCLE;

g) Descrevemos e analisamos alguns eventos selecionados nas entrevistas realizadas com os estudantes, bem como as anotações feitas durante a pesquisa, objetivando investigar o nível de conhecimentos dos estudantes sobre a variação linguística existente no Brasil, seguindo alguns critérios da Sociolinguística Educacional, tais como: valorização da variedade usada pelos alunos; possibilidade de todos os alunos aprenderem mais sobre a língua e suas variedades; a língua é estudada pelo viés do uso; as aulas são dialógicas, valorização do contexto comunicativo, das vivências e conhecimentos dos discentes; há reflexão sobre a heterogeneidade linguística, há processos de andaime;

h) Descrevemos e analisamos alguns eventos selecionados na entrevista realizada com o professor de Língua Portuguesa para a verificação dos conhecimentos concernentes aos construtos teóricos da Sociolinguística, bem como do tratamento dado à variação linguística;

i) Analisamos o livro didático do 3º ano adotado pela escola a fim de verificar qual o tratamento dado pelos autores da obra ao fenômeno da variação linguística.

Conhecendo a escola campo da pesquisa

A escola campo da pesquisa está situada na EQNP 1/5 área especial, Bairro P. Norte em Ceilândia-DF.

A estrutura da escola é composta por 18 (dezoito) salas de aula, 1 (uma) sala de leitura, 2 (duas) quadras cobertas, 1 (uma) sala de recursos, 1 (um) auditório, 1 (uma) mecanografia, 1 (um) refeitório, 2 (duas) recepções, 1 (um) laboratório de informática, 1 (uma) sala de professores, 1 (uma) sala de coordenação, 1(uma) sala da direção, 1 (uma) cantina, 1(uma) lanchonete, 1 (um) banheiro feminino, 1 (um) banheiro masculino, 1 (um) banheiro feminino para professoras, 1 (um) banheiro masculino para professores.

O corpo docente é composto por 100 (cem) professores todos com formação superior. A escola funciona nos turnos matutino (ensino fundamental 9º ano e ensino médio 1ª a 3ª séries), vespertino (ensino fundamental do 6º ao 8º anos) e noturno (EJA 3º segmento). Todas as salas de aula têm ventiladores e ar condicionado. Atende uma clientela de 650 alunos no turno matutino, 750 alunos no turno vespertino e 550 alunos no turno noturno. Os alunos residem em Ceilândia. A maior parte deles reside no bairro Sol Nascente.

Perfil dos grupos pesquisados

Os colaboradores da pesquisa são constituídos por alunos do 3º ano do Ensino Médio e pelo professor de Língua Portuguesa da referida sala de uma escola pública localizada em Ceilândia - DF.

A escolha dos colaboradores deu-se em razão de os alunos estarem cursando a terceira série do ensino médio, finalizando, portanto, o ensino básico para adentrarem o mercado de trabalho ou as universidades. A escolha do professor deu-se em razão de focarmos o ensino da nossa língua materna. Por essas razões, quisemos verificar o nível de conhecimentos desses alunos sobre a variação linguística ao longo dos treze anos em que estudaram sobre sua língua materna e o quanto estão preparados para lidarem com a diversidade linguística, sobretudo com o preconceito linguístico. Foi também nosso objetivo avaliar os níveis de conhecimentos do professor de Língua Portuguesa acerca dos pressupostos teóricos sociolinguísticos.

Os alunos

A sala de aula do terceiro ano é composta por 36 alunos, com faixas etárias entre 17 e 19 anos. A maioria nasceu no DF, alguns poucos nos Estados do Nordeste como: Bahia, Piauí, Maranhão, Alagoas, uma aluna no Estado do Goiás e outra em Minas Gerais. Embora a maioria tenha nascido no DF, muitos deles são descendentes de Nordestinos (BA, CE, MA, PI, AL, PB, RN), Nortistas (TO), Centro-Oestinos (GO, DF), e Sudestinos (MG). Alguns chegaram a morar cerca de 5 a 10 anos no Maranhão, Bahia e Tocantins.

Todos residem, atualmente, em Ceilândia-DF, nos bairros P. Norte, Sol Nascente, Ceilândia Norte, Expansão, Inkra 9, Ceilândia Sul e Pinheiro. A maioria mora com os pais, padrastos, madrastas, irmãos (ãs), outros com avós, primos (as), tios (as). Alguns deles trabalham em cidades distintas de onde residem.

O grau de escolaridade dos familiares dos estudantes varia entre analfabetos (poucos), Ensino Fundamental completo ou incompleto, Ensino Médio completo ou incompleto e Ensino Superior completo ou incompleto.

Alguns alunos costumam ler textos variados em casa, uns focam nas leituras do PAS (Programa de Avaliação Seriada)³. Os familiares, na maioria, não têm o hábito de ler. Todos os discentes manifestaram o desejo de cursarem o Ensino Superior, pouquíssimos ainda não decidiram qual curso querem fazer. Entre os cursos citados por eles estão: Fisioterapia, Educação Física, Medicina, Medicina Veterinária, Direito, Bioquímica, Nutrição, Arte, Farmácia, Pedagogia, História, Enfermagem, Relações Humanas, Engenharia Elétrica, Psicologia, Administração, Tecnologia da Informação, Assistência Social, Agronomia, Psiquiatria.

³ Trata-se de um processo seletivo organizado e executado pela [Diretoria de Processos Seletivos \(DIPS\)](#). É uma forma de ingresso nos cursos de graduação presenciais das universidades, no qual os candidatos são avaliados em **três etapas consecutivas**, ao término de cada série do Ensino Médio.

O professor

O professor de Língua Portuguesa reside em Ceilândia e já atua na área de educação há 15 anos. Ele é formado em Jornalismo, em Letras Português e Letras Espanhol. Todas as graduações são pela Universidade de Brasília, tem mestrado profissional em Letras Linguística pela Universidade Federal de Uberlândia. Em 2010 assumiu como membro efetivo na Secretaria de Educação do Distrito Federal e hoje em dia atua como professor de Língua Portuguesa e Língua Espanhola nas escolas desse Distrito.

A convivência com os colaboradores e os percalços da pesquisa

A convivência com os colaboradores foi, de um modo geral, tranquila. Com alguns alunos, ela foi de maior proximidade, de pouca proximidade com outros e proximidade quase nula com uns poucos. Com o professor a relação foi de troca de experiências, de companheirismo, de conselhos, de parceria até. Ele sempre esteve muito disposto a colaborar com a pesquisa, inclusive tomou, por vezes, a iniciativa de conversar com alguns professores para que esses nos permitissem realizar as entrevistas com os estudantes em seus horários de aulas para que assim pudéssemos cumprir com nossa programação em tempo hábil.

Quanto às dificuldades, estas aconteceram por conta de eventos realizados na escola os quais nos impossibilitaram, por algumas vezes, de dar sequência à observação em sala de aula e às entrevistas com os alunos. A recorrente ausência dos estudantes também nos impossibilitou, diversas vezes, de dar sequência às entrevistas, além da resistência de alguns deles em concederem as entrevistas o que nos fazia ir à sala de aula, repetidas vezes, chamar os que ainda não tinham sido entrevistados. A falta de um espaço físico para a realização das entrevistas ou a troca deste em plena entrevista também foi um percalço, além das inúmeras entradas de funcionários e/ou estudantes de outras salas em alguns desses espaços, que deixavam a pesquisadora e os colaboradores desconfortáveis, forçando-os a pausarem as entrevistas até ficarem novamente a sós.

Discussões e resultados das entrevistas realizadas com os alunos e com o professor

Entrevistas com os alunos - Primeira etapa

Tendo em vista que a maioria das perguntas constantes nessa etapa de entrevistas **era** de cunho pessoal, por se tratar de um momento em que a pesquisadora buscava conhecer melhor seus colaboradores, não trataremos de todas as questões relativas à primeira etapa de entrevistas. Nessa parte da análise abordaremos apenas 3 (três) delas por estarem relacionadas

à linguagem. São elas: 15. As pessoas com as quais você convive falam da mesma forma ou você acha que existem diferenças? Em quê? 16. Você já passou por alguma situação em que você falou algo e as pessoas te criticaram ou riram de você pela forma como você falou? 17. Você acha que as pessoas com as quais você convive falam errado? Por quê?

Contudo, certificamos que as demais questões (15 questões) foram tratadas na parte que aborda o perfil dos alunos. Tratavam-se de questões sobre o dia a dia dos alunos, suas rotinas, suas origens, seus familiares, suas redes sociais, as práticas de letramentos deles e dos seus familiares, seus planos acadêmicos futuros, entre outros.

No que tange às questões relacionadas à linguagem, após a análise das entrevistas, verificamos que os alunos percebem diferenças nos modos de falar das pessoas, as principais diferenças citadas por eles foram: os sotaques são divergentes, algumas pessoas falam de um modo mais formal, outras de modo mais informal, algumas pessoas usam gírias, outras não as usam etc. Alguns deles passaram por momentos de preconceito linguístico na escola atual, em escolas anteriores e em outros espaços como clubes. Nem todos consideram erradas as formas como as pessoas com as quais convivem falam, porém, a maioria deles acha que sim e alguns confessaram que até corrigem seus familiares para que estes não passem vexame. O maior número de respostas positivas se deu pela transgressão das regras da gramática normativa, isto é, os estudantes consideram erro as falas que não estão de acordo com as normas da gramática, no entanto, alguns deles percebem que *tais erros* se dão em razão da baixa ou falta de escolaridade dos falantes.

Entrevistas com os alunos - Segunda etapa

As entrevistas que constituem essa etapa constavam de 10 perguntas sobre variação linguística, preconceito linguístico, usos da língua, entre outros. São elas: 1. Você sabe o que é variação linguística? 2. Como você vê a sua fala em relação às falas dos seus colegas e às falas dos seus professores? 3. Você acha que as pessoas usam a língua de formas diferentes? Por quê? 4. Para você o que é preconceito linguístico? 5. Você já passou por alguma situação de preconceito linguístico? Fale sobre isso. 6. O professor trabalha a questão da variação linguística nas aulas? De que forma? 7. Em relação ao uso da língua, você acha que ela deve ser usada da mesma forma em todas as situações de comunicação? Por quê? 8. O que devemos levar em consideração quando usamos a língua? 9. Você acha que a língua escrita e a língua falada são diferentes? Por que sim ou por que não? 10. Quando você escreve um texto você usa sempre a mesma linguagem? Por quê?

Pelo resultado obtido após avaliarmos a percepção que os estudantes têm sobre variação linguística, preconceito linguístico, usos linguísticos, noções de adequabilidade linguística em razão dos ambientes/situações/interlocutores, entre outros, o esperado seria que eles convivessem em harmonia, respeitando as diferenças existentes na sala de aula, já que são cientes da variação linguística no Brasil. Porém, a observação de algumas práticas sociais deles e a audição de muitos relatos ouvidos nas entrevistas, nos fizeram perceber que não é bem assim que acontece. Não conseguimos compreender, de imediato, porque certos comportamentos intolerantes a alguns dialetos aconteciam na escola campo de pesquisa. Foi essa inquietação que nos motivou a realizar a terceira etapa de entrevistas para tentarmos entender os comportamentos e as atitudes sociais realizadas pelos estudantes nas práticas sociais e as relações sociais mantidas por eles no campo social⁴ que é a escola que nos serviu como campo de pesquisa. É dessa etapa que trataremos agora.

Entrevistas com os alunos - Terceira etapa

Esta etapa teve como norteadoras duas perguntas constantes na entrevista realizada na segunda etapa, quais sejam: 4. Para você o que é preconceito linguístico? 5. Você já passou por alguma situação de preconceito linguístico? (as numerações correspondem à sequência constitutiva da segunda etapa).

Para um maior entendimento de quais os porquês determinados comportamentos ocorrerem no ambiente escolar, essas duas perguntas foram subdivididas em oito questões, a saber: 1. Você já passou por alguma situação de preconceito linguístico aqui na escola ou presenciou alguma cena? Como foi isso? 2. Onde aconteceu a cena de preconceito linguístico na escola? Como você reagiu à cena? Qual a sua posição em relação ao ocorrido? 3. Como o professor lidou com a cena de preconceito linguístico? 4. Quando o professor trabalhou sobre variação linguística ele chegou a comentar sobre preconceito linguístico? De que forma? 5. O diferente chega a te incomodar? De que forma? 6. Que expressões ou palavras mais causam estranhamento em você? Por quê? 7. Que expressões ou palavras usadas por você provocam o incômodo das pessoas? 8. Na sua concepção, o que tem na fala dessas pessoas ou na sua fala (referindo-nos às falas dos estudantes da turma pesquisada) que provoca o riso ou os comentários dos colegas?

Antes de partirmos para as questões propriamente ditas, perguntamos novamente aos estudantes o que eles entendiam por preconceito linguístico para, então, inserirmos o

⁴ Espaço de disputa por posições em que os agentes que o integram se engajam na disputa pelo capital simbólico próprio de cada campo para, em posse desse capital, exercer relações de poder. (Bourdieu, 1995)

ambiente escolar na conversa. Desse modo, após perguntarmos o que entendiam por preconceito linguístico, lançamos uma pergunta introdutória: Você acha que existe preconceito linguístico aqui na escola? Para, somente depois, enveredarmos pelas 8 (oito) questões. Salientamos que quase todas as respostas foram positivas para a pergunta introdutória.

A sala de aula pesquisada é composta por alunos provindos de três regiões do país, a saber: Nordeste (quatro estudantes), Centro-oeste (trinta estudantes) e Sudeste (uma estudante). Desse universo de trinta e cinco estudantes pesquisados, dos trinta nascidos no DF, vinte e quatro são ascendentes diretos de nordestinos, nortistas, centro-oestinos e sudestinos. Como se vê, são poucos os estudantes descendentes de pais brasileiros. Apesar dessa realidade, percebemos que alguns estudantes desprestigiam as falas dos colegas que apresentam diferenças em relação às suas. Acreditamos que o fato de eles morarem na capital do país os faz julgar negativamente outros falares por entenderem que a sua forma de falar é *mais bonita, mais correta, mais limpa* do que a dos outros, por não apresentar sotaque. Por terem essa percepção, que reflete a ideologia linguística do purismo fonético sobre o falar brasileiro, incidem avaliações violentas contra os colegas que falam diferente deles.

Em conformidade com o que asseveram Lopes e Silva (2018), a explicação para a existência da violência simbólica no espaço escolar pode estar na formação dos professores que atuarão no ensino da língua materna, já que se tem debatido pouco sobre as ideologias linguísticas e suas drásticas consequências no ensino da Língua Portuguesa. Todavia, reiteramos que a responsabilidade de criar meios eficazes que possam erradicar a violência de práticas sociais motivadas pelos modos diferentes de usar a língua deve ser de todos os membros envolvidos no espaço escolar e não somente do professor de língua materna. A ação conjunta é mais eficiente do que a individual.

Estamos constantemente prestando atenção na produção linguística das pessoas, nos modos como acentos, entonação, ritmo, certos usos lexicais revelam características dos falantes e, desse modo, criamos categorias positivas ou negativas. Quando essas categorias são negativas, julgamos indignos de fazerem parte do(s) nosso(s) grupo(s) aqueles que não se encaixam nos padrões. Por tudo o que vimos e ouvimos ao longo dos quase oito meses em que estivemos presentes na escola campo de pesquisa e nas entrevistas realizadas com os alunos e as alunas, a partir das análises realizadas, consideramos que seja de suma importância que

[...] a informação e o estudo sobre a variação linguística e o preconceito linguístico poderiam, realmente, fazer com que a sociedade e a escola fossem convencidos de que é preciso descortinar e desconstruir o equívoco secular envolvendo a língua, os conceitos imaginários de *certo* e o *errado*, e mitos que a circundam (RODRIGUES, 2016, p. 232) [grifos da autora]

Entrevista com o professor

A entrevista realizada com o professor constava de 9 perguntas, a saber: 1. Como você vê a percepção dos seus alunos sobre variação linguística? 2. Quantas aulas você dedicou para tratar da variação linguística? Conte-nos um pouco sobre essas aulas. 3. Como você avalia a fala dos seus alunos? 4. Já aconteceu alguma situação de preconceito linguístico em suas aulas? Como você lidou com a situação? 5. Como você trabalha as diferenças e semelhanças entre língua escrita e língua falada? 6. Em suas aulas com quais gêneros textuais você trabalhou? 7. Na sua opinião, quais gêneros textuais acolhem mais ou acolhem menos a variação linguística? Como se deu esse trabalho em suas aulas? 8. Você observa na produção textual dos seus alunos a adequação do uso da língua em função do tipo ou gênero textual produzido? 9. Em relação às práticas orais dos seus alunos, você acha que eles usam a língua da mesma forma em todas as situações comunicativas ou há uma adequação para atender as diferentes situações?

Pelas respostas dadas pelo professor, notamos que ele trabalha o fenômeno da variação linguística em suas aulas, ainda que seja de forma esporádica. Observamos, ainda, que ele tem a preocupação de orientar os alunos quanto à adequação da linguagem em conformidade com o ambiente ou situação de uso desta e, durante as entrevistas realizadas com os alunos, pudemos verificar que eles têm consciência da necessidade dessa adequação. Se eles têm essa consciência, por que, em algumas ocasiões, eles não fazem a adequação necessária? O professor chega a comentar que alguns alunos, quando estão em sala de aula, ainda que estejam em uma situação que exige um uso mais formal da linguagem, como em apresentações de trabalhos, tendem a utilizar uma linguagem informal por conta dos interlocutores serem vistos como amigos, priorizando, desse modo, seus ouvintes ao invés da situação de uso da língua.

Sendo assim, mais uma vez chamamos a atenção para a importância que o ensino de Língua Portuguesa deve dar à variação linguística, de modo a oportunizar o contato dos alunos com a língua nas formas como ela é realmente usada e não por meio de um modelo que não condiz com o vernáculo brasileiro, levando-os a refletir sobre os distintos usos linguísticos em virtude dos contextos. Nesse trabalho, o livro didático tem sido um recurso

pedagógico importante para auxiliar os professores. É sobre esse recurso que trataremos no próximo item.

Análise do livro didático de língua portuguesa do 3º ano

O roteiro utilizado na análise do livro didático constava de seis perguntas, quais sejam: 1. Como é tratado o fenômeno da variação linguística no livro didático? Existe um capítulo específico para tratar do assunto? 2. Quais os tipos de variação contemplados no livro didático? 3. O livro didático aborda o conceito de preconceito linguístico? De que forma? 4. Que gêneros textuais são utilizados pelos autores para abordar a variação linguística? 5. De que maneira é explorada a questão da variação linguística nas atividades? 6. O livro didático distingue variedade culta e norma-padrão ou as trata como sinônimas?

A partir da análise do livro didático observamos que, com exceção dos capítulos da unidade 3, o assunto é tratado ao longo do livro por meio de pequenos textos que compõem os capítulos ou por meio de boxes (quadros) explicativos, bem como nas atividades relacionadas aos textos, até mesmo os trabalhados nas partes destinadas ao estudo da Literatura, e nas produções textuais sugeridas.

Ao longo do livro didático notamos que a temática da variação linguística foi tratada muito timidamente pelos autores, sentimos, assim, falta de textos mais explicativos sobre a temática em questão, textos que trouxessem os fenômenos condicionantes da variação linguística, ao menos os extralinguísticos, que abordassem os tipos de variação.

Por não existir um capítulo específico para tratar da temática da variação linguística, não observamos, no livro didático, a classificação dos tipos de variações existentes. As atividades e produções textuais sugeridas na obra só possibilitam aos discentes a reflexão sobre a variação estilística, visto que os comentários se relacionam sempre às situações de uso da linguagem (se formais ou informais) acarretando em usos adequados ou inadequados dessa.

Há, no capítulo 2 da Unidade 1, um breve comentário sobre usos linguísticos que geram preconceitos. De acordo com os autores do livro, a concordância é um dos assuntos que mais originam o preconceito linguístico.

Os autores tratam de um número considerável de Gêneros Textuais ao longo dos capítulos que compõem as unidades do livro didático, mesmo que, na maioria deles, não chamem a atenção para o trabalho com a variação linguística.

Não observamos no livro didático o uso das expressões *norma culta* ou *língua padrão*, mas sim *norma-padrão* que, segundo os linguistas e os sociolinguistas, é o termo mais

adequado, por se tratar mesmo de uma *norma* que não condiz com o vernáculo brasileiro, nem mesmo dos sujeitos cultos. Também não observamos o uso de termos como *certo* e *errado* em relação ao uso da língua, mas os termos *adequado* e *inadequado* como sugerem os postulados da Sociolinguística. Desse modo, verificamos que os autores têm consciência da importância de se trabalhar a língua sob o viés do uso, considerando a variação linguística uma característica inerente à nossa língua materna.

Considerações finais

A Sociolinguística considera imprescindível para um bom desempenho linguístico do falante o conhecimento sobre a variação linguística. Os métodos utilizados neste trabalho, além de auxiliarem na realização da proposta empreendida, ajudaram-nos na interpretação de determinados comportamentos e atitudes linguísticas apresentados por nossos colaboradores, bem como nos possibilitaram uma leitura mais apurada das relações mantidas entre eles.

A descendência heterogênea dos estudantes se reflete na fala deles o que resulta em uma sala de aula diversa linguisticamente. Observamos, a partir dos dados, que há na escola que serviu como campo de pesquisa, por parte dos alunos nascidos no DF, ideologias linguísticas que os faz acreditarem que o falar brasiliense é puro, desprovido de traços regionais, ou *sotaque*. Essa percepção desencadeia a desvalorização de outros dialetos brasileiros, entre os quais, reportando-nos aqui à sala de aula pesquisada, citamos alguns falares nordestinos como o baiano, o maranhense e o piauiense, e o falar sudestino mineiro.

A análise dos dados gerados revelou que alguns dos alunos nascidos no DF percebem as falas divergentes das suas como inferiores. Essa percepção os faz apresentarem comportamentos intolerantes sobre o modo de falar de alguns colegas. Notamos que tais comportamentos vão além do viés linguístico, eles são também de ordem social, visto que alguns alunos demonstram ter aversão a determinadas culturas e regiões, sobretudo, ao estado da Bahia. Em decorrência disso, incidem atos de violência simbólica contra os colegas baianos.

O professor participante da pesquisa demonstra ter conhecimentos sobre os pressupostos sociolinguísticos. Constatamos que ele se preocupa em transmitir noções sociolinguísticas aos seus alunos na tentativa de ampliar suas competências para se comunicarem/interagirem com maior eficiência. No entanto, ele deixou transparecer que nem sempre essas tentativas são bem sucedidas, uma vez que muitos estudantes apresentam comportamentos preconceituosos em relação às variedades apresentadas por alguns colegas.

No que tange ao livro didático utilizado na série pesquisada, observamos que a temática da variação linguística foi tratada muito timidamente pelos autores, mas que a expressão *variação linguística* não aparece na obra. Também, sentimos falta de textos mais explicativos sobre a temática em questão, textos que trouxessem os fenômenos condicionantes da variação linguística, ao menos os extralinguísticos e que abordassem os tipos de variação. Contudo, verificamos que os autores são conscientes da relevância de se trabalhar a linguagem sob a perspectiva do uso.

Referências

BAGNO, M. Apresentação da edição brasileira. Apresentação. In: LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**; tradução BAGNO, M., SCHERRE, M. M. P., CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

ERICKSON, F. Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement. **Anthropology & Education Quarterly**, v. 18, n. 4, p. 335-56, 1987.

LINGUAGENS, códigos e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 239p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1), 2006.

LOPES, A. C.; SILVA, D. do N. e. Todos nós semos de frontera: ideologias linguísticas e a construção de uma pedagogia translíngue. **Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 695-713, set./dez. 2018.

RODRIGUES, U. R. de S. Variação linguística, preconceito linguístico e ensino. In: LABORDE, E. P.; UNTERNBÄUMEN, E. H.; NAVES, R. R. (orgs.). **Interculturalidade e patrimônio em contextos latino-americanos**. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 209-235.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Sobre as autoras

Susana Menezes Araujo (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-6087-5832>)

Licenciada em Letras (2010) pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Tem Mestrado em Linguística (2020) pela Universidade de Brasília - UnB. Doutoranda em Linguística na Universidade de Brasília - UnB. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Ormezinda Maria Ribeiro (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5911-3005>)

Doutora em Linguística e em Língua Portuguesa pela Unesp, com Pós-Doutorado em Estudos do Discurso pela Universidade de Brasília – UnB. Professora Associada da UnB. Vice-Coordenadora do PPGL-UnB.

Recebido em setembro de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.